

Quatro contos de partida

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/GO. Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/GO]

A escrita é uma partida. E ela chega? Não sei. Eu queria chegar ao quintal da minha infância. Não consegui. Aqui estão quatro pequenos contos. Contos que residem nos cantos. São sussurros ditos aos pés dos ouvidos de amigos e amigas. Foram escritos em diferentes momentos e enviados via Whatsapp. São celebrações de amor.

CASA DA ÁRVORE

Ao chegar em casa, uma menina encontra duas folhas. Entra pela porta com as folhas em mãos e diz: eu sou uma árvore. E os pais respondem: Vá crescer lá fora, aqui as raízes estragarão o chão; e os galhos, as paredes. A menina deixa as folhas caírem: "Eu estava brincando, não sou uma árvore" Os pais dizem: O outono chegou.

Ainda era verão nos Estados Unidos, Lisa, minha amiga, me enviou a foto de uma imensa árvore que sombreava sua casa. Ela também estava na foto, era uma menina sorridente. Segurava duas folhas amareladas. O verão partia. Este conto me veio com contorno de saudade.

O APLAUSO

A bailarina trança o cetim da sapatilha. Aquece o corpo. Aquece a dor. A cortina abre-se. Luz no palco. O poeta vê a bailarina na caixinha. Com os holofotes, a bailarina pouco vê. Mãos, pés, saltos, rodopios e sorriso porcelana. O poeta aplaude. Apaixonou-se. A bailarina sentia dores tão humanas. Os joelhos rangiam, os tendões urravam a crônica de Aquiles. Os aplausos do poeta aumentavam. Queria expurgar as dores da alma. E a bailarina incontinida na dor joga-se no tablado. A cortina fecha. O poeta, com a força dos touros, aplaudia. Levantou-se da poltrona. Minutos de palmas, até que mãos arderam. Recolheu-se ao silêncio inerte do corpo. A bailarina curvou-se. O poeta guarda alegremente o instante. A bailarina toma dois analgésicos com vodka. Ela recolhe alegremente o instante. As dores, e as dores? Todas elas serão deixadas para amanhã.

Esbarrei na Bailarina da caixinha. Saltou giros perfeitos no infinito. Espatifou-se. Manteve-se com a mesma face. Sem dor. Sem alegria. Presa ao gesto porcelana. Fiquei maravilhado pela beleza da queda; depois, envergonhado. Minha amiga, sem encanto, entristeceu.

Procurei, por dias, outro objeto substituto. Não o encontrei. Escrevi para me desculpar.

O CAÇA-PALAVRAS

Esta cena chegou a mim em forma de prosa. Quando entardecia numa das roças de Goiás, um menino voltava da escola. Havia sido o seu primeiro dia de aula. Chegou choroso. A mãe preocupada perguntara o motivo do choro: 'mãe, eu não aprendi a ler. Eu queria conversar caladinho com as palavras'.

Do menino não tenho notícias, me disseram que saiu mundo afora à procura de um amigo chamado Eri.

Conheci bem um amigo quando o vi pedir benção à sua mãe. *Bença, mãe. Deus te abençoe.* Ele tornou-se um caçador de palavras profissional.

Quando está cheio de palavras novas e, algumas, estranhas, volta à casa materna.

Limpa os pés no tapete e pronuncia o cumprimento original do amor: *Bença, mãe.*

ESCONDE-ESCONDE

Esconde, lençol na cabeça. Puti. Cadê? Sumiu. Espreme o rosto. Procura a ausência nas mãos. Sumiu. Puti. Achou. Gorjeia a banguela gargalhada. Esconde. Imita. E o toque. Criança procura vogais. Mae entrega grunhidos. Puti. Cadê? Sumiu. Achou. Tapei o rosto, puti. De repente. Cadê? Sumiu. Desceu do sofá. Resolveu tocar as paredes. Em vulto, saiu. Puti. Cadê? Sumiu. Nas quintas, depois do almoço, brinco. Tapo o rosto esperando o gorjeio do achou. E o silêncio sussurra sumiu. Nestes dias, o passado insiste em ficar. Puti. Seria menos dolorido se soubesse. A mímica intuíva partidas. Sei das ausências nas reminiscências.

Escrevi este pequeno poema em forma de conto para minha filha. Hoje, adolescente e com todos os predicados desta fase.

Senti saudades da sua infância. Escrevi e o enviei. Também o compartilhei com alguns amigos, todos responderam. Ela visualizou e nada disse.

.....

A literatura tem a sua própria verdade, e o único rabo preso do escritor é com a linguagem, seu estilo e sua consciência ética.

O escritor inventa narradores, personagens, lugares e tempos.

Liberta-se do compromisso com qualquer verdade além da verdade do próprio texto.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.